

Uma leitura epistemológica da teoria do valor

Carlos Pimenta

<http://www.fep.up.pt/docentes/cpimenta>

Considerações prévias

1. A realidade não é o que parece. Para conhecermos mais dessa realidade é necessário ir além dos conhecimentos espontâneos, adquirir a capacidade da crítica e de utilizar a dialética. Essa rutura com as falsas evidências alimenta-se na ação dos homens e na reflexão teórica. Exigem um trabalho simultâneo de reconstrução permanente e sistemática dos saberes.

Marx ao utilizar a sequência de exposição na interpretação do capitalismo começa pela mercadoria, ao mesmo tempo que alerta para o fetichismo da mesma. Conhecer a essência da mercadoria é também entender e descodificar os fetichismos espontâneos que gera. Exatamente porque a realidade não é o que parece.

2. A teoria marxista alimenta-se na prática, incluindo a prática alicerçada num conhecimento científico. Conhecer para transformar, inserindo o quotidiano numa lógica de projeto: definir objetivos futuros, traçar os possíveis caminhos e respetivos tempos para os atingir, definir a melhor estratégia e tática. Pode haver práticas transformadoras do mundo sem uma teoria, mas a sua consistência num presente com a referência do futuro exige a teoria. No princípio não era o verbo mas a ação, mas o verbo dá-lhe consistência, orientação.

Marx envolveu-se profundamente nas lutas sociais e na sua organização e, por isso mesmo, passou muitos anos da sua vida estudando o que os outros disseram, realizando a crítica das conceções anterior, procurando as chaves que lhe permitissem reconstruir coerentemente a leitura do capitalismo, com preocupações teleológicas mas sem permitir que estas influenciassem o concreto pensado. Também hoje é necessário um trabalho científico e filosófico de reconstrução, alicerçado nos textos originais do marxismo e abrangendo todos os contributos científicos posteriores, dos que se encontram no mesmo espaço de interpretação do mundo, mas também de muitos que se situam fora.

A realidade em si muda. As leituras alteram-se, o saber crítico reconstrói-se assente num conjunto de referências que as diferenciam na capacidade de revelar o que é essencial.

3. Pela importância e dificuldade da teoria marxista, pelo domínio imperialista das teses neoliberais e subjugação dos meios de informação, logo pela importância da luta ideológica e científica, é vital aprofundar e ampliar a teoria marxista.

Há muito que os argumentos de autoridade foram excluídos do conhecimento crítico. Há muito que se sabe que há vários modelos de compreensão da realidade que estão de acordo com Marx e Engels. Há muito que se reconheceu que o marxismo também se desenvolve na leitura crítica de autores que não se identificam com teses marxistas. Todos reconhecem que uma transformação da sociedade colocando a economia ao serviço do homem, sem

exploração e libertadora das suas capacidades criadoras, exige uma teoria revolucionária, exige um intenso labor dos marxistas na reconstrução do conhecimento crítico.

A atividade de grupos de estudo marxistas faz parte do nosso compromisso de lutar por um futuro melhor para as gerações vindouras. Essa exigência é permanente mas ainda o é mais quando raros são os resquícios do marxismo nas instituições universitárias portuguesas; quando o neoliberalismo já revelou a incapacidade para resolver o problema dos povos, mas continua a ter o poder político e o domínio ideológico e comunicacional, revelando a sua face ditatorial; quando a Europa e o nosso país atravessam uma grave crise, de sobreprodução, estrutural e civilizacional; quando novas formas de luta irrompem um pouco por todo o lado. A existência de grupos de estudo marxistas é uma carência da construção do futuro.

4. Por isso começo por saudar esta iniciativa, esperando que nos saibamos ouvir uns aos outros e aprender com eles, que se procure mais aprender do que ensinar, que não se tombe em divisões arcaicas assentes nos percursos de vida de cada interveniente.

Por isso expresso os votos de que esta atividade tenha continuidade, que seja capaz de contribuir para um avanço científico, para um enriquecimento epistemológico do marxismo, que saiba articular e interconectar diferentes especialidades do saber, diferentes leituras críticas da mesma realidade. Uma continuidade que se traduza na produção de saberes, na sua divulgação de forma ampla, dando, a quem possa e saiba, uma arma poderosa para a transformação do mundo.

Parabéns, pois, pela iniciativa, e votos de coragem para garantirem a continuidade. Como dizia Armando Castro, investigar exige coragem.

Escolha do tema

5. A escolha do assunto a tratar nesta comunicação não foi fácil. Concentrar-me na teoria do valor era um imperativo, porque se trata de uma problemática central sem a qual não é possível interpretar a sociedade em que vivemos, como teremos oportunidade de referir com mais detalhe. É um assunto que tem sido repetidamente abordado, mas que continua muito aquém do rigor que se exigiria. Rigor ao interpretar os textos de Marx, rigor a aplicar nas interpretações dos fenómenos menos abstratos, rigor para utiliza-la nas novas situações. Aplicando uma leitura típica da teoria do caos, poderemos dizer que uma variação infinitesimal no rigor conceptual da teoria do valor – obviamente que estamos a falar na teoria do valor formulada por Marx através de uma reflexão crítica, com a utilização do materialismo dialético, à Economia Política de David Ricardo e que frequentemente é designada por teoria do valor-trabalho para a distinguir de formulações posteriores da fundamentação dos preços – provoca desvios estruturais na interpretação do capitalismo.

Dentro desta problemática geral, que poderia abarcar milhares de comunicações diferentes, as opções colocaram-se com muitas dúvidas. Abordar de uma forma genérica a teoria do valor poderá não ter qualquer impacto se antes não se fez, pelo menos, uma leitura cuidada dos textos fundamentais de Marx sobre o assunto, se só se conhece a “teoria do valor” por obras de divulgação – frequentemente mais úteis se não tivessem sido escritas –, ou se nem uma coisa nem outra porque se considera que é apenas assunto de economista. Alternativamente,

entrar numa análise pormenorizada de uma problemática – tais como a noção de valor, a complementaridade e contradição entre o valor e o valor de uso, o ser valor para ter quantidade de valor, a divisão social do trabalho e trabalho, a medição da quantidade de valor, as relações entre os conceitos de trabalho e de força de trabalho, a teoria do valor da moeda, etc. etc. –, sem antes se ter uma visão de conjunto desta problemática poderia ser concentração a atenção na “árvore” e perder de vista a “floresta” e o seu enquadramento geográfico e social.

Entre hesitações optámos pela abordagem genérica, aproveitando um trabalho de bastante pormenorização que fizemos da teoria do valor – dispersa em diversos trabalhos, mas muito concentrado na tese de doutoramento¹ – ao longo dos anos e as investigações dos últimos meses sobre a Epistemologia da Economia.

Daqui resulta, inevitavelmente que esta breve comunicação centra-se em questões gerais. Praticamente todas as referências que faremos carecem de pormenorização, aprofundamento e aplicação. Foi uma opção. Esperemos que não tenha sido errada.

Núcleo duro do marxismo

6. Sabemos quanto Marx insistiu na importância da praxis social, das atividades que garantem a sobrevivência do homem na estruturação da sociedade; na articulação entre estrutura e superestrutura; na dinâmica complementar e contraditória das forças produtivas e das relações de produção. Só podemos compreender o funcionamento das diversas “camadas” da sociedade se estivermos à altura de conhecer profundamente o que são as relações de produção, como funcionam as suas relações constitutivas, como o todo e as partes formam uma unidade, como influenciam e são influenciadas pelo seu exterior.

O capitalismo é um modo de produção que obedece às mesmas regras conceptuais. Mais, sendo ele a forma mais desenvolvido da sociedade mercantil, assume em plenitude a função estruturante das relações de produção.

Dentro da estrutura, a categoria mais geral é a mercadoria. Conhecer cientificamente esta é estudar a teoria do valor (a mercadoria é valor e valor-de-uso). Por outras palavras, só é possível um conhecimento da estrutura do capitalismo se estivermos armados de uma correta e pormenorizada teoria do valor.

Por sua vez, só uma leitura correta da estrutura permite uma compreensão de como funciona a sociedade, o capitalismo, no seu conjunto. Qualquer estudo, mesmo pormenorizado, de qualquer aspeto do capitalismo existe uma conceção correta da teoria do valor, mesmo que não seja pormenorizada.

Estas são razões suficientes para qualquer “candidato” a marxista se preocupar em conhecer com rigor a teoria do valor. Sem essa base conceptual qualquer análise de qualquer aspeto da

¹ Entregue e defendida em 1985. Nunca foi editada. Sê-lo-á em breve e disponível no sítio web pessoal.

sociedade capitalista, assim como de qualquer outra sociedade, carece dos suportes indispensáveis, tão indispensáveis como, na vertente metodológica, o materialismo dialético.

7. Como recorda Sève, “através da produção material os homens produzem-se a si próprios, (...) A produção material tanto produz o que satisfaz as necessidades como também uma parte essencial das próprias necessidades (...) as capacidades do indivíduo e as relações fundamentais dos homens entre si, as relações de produção” (Sève 1980:178). Conhecer o indivíduo é conhecer a sua essência social e esta, mais uma vez, remete para as relações de produção.

Logo, a teoria do valor capta o que é estruturante no capitalismo, é um dos núcleos duros do marxismo, um dos suportes inultrapassáveis da leitura de todos os acontecimentos localizados no capitalismo. É certo que a especialização do saber exigirá a cada um diferentes níveis de conhecimento pormenorizado da teoria do valor conforme o seu objeto de estudo específico, mas terá que ter sempre presente o que lhe é essencial.

8. Seria, contudo, errado admitir que é uma teoria acabada, que basta assimilar, para partirmos para outras análises. A teoria do valor ainda está em construção e está, e estará sempre, em reconstrução face a novas realidades que a história vai revelando. E nunca esqueçamos, neste imperativo de continuarmos a investigar a teoria do valor, que ela (enquanto mercadoria) é o ponto de partida da sequência de exposição, mas que é o ponto de chegada na sequência de investigação e que esta é cronologicamente prévia a aquela².

Que ainda está em construção demonstram-no algumas ambiguidades e imprecisões em Marx. Uma, entre outras, consta do prefácio à primeira edição alemã de *O Capital*, escrito em Londres, 25 de Julho 1867):

“Em si e para si, não se trata do grau maior ou menor de desenvolvimento dos antagonismos sociais, os quais provêm das leis naturais da produção capitalista. Trata-se dessas próprias leis, dessas tendências que operam e se impõem com férrea necessidade” (Marx & Engels 1983:91)

Comparemos esta afirmação com a de Carl Menger³, economista alemão, fundador de um paradigma alternativo, o marginalismo ou utilitarismo, cuja obra principal é “Princípios de Economia Política”, de cujo prólogo é retirada a frase seguinte:

“mostrar que os fenômenos da vida económica se regem estritamente por leis iguais às leis da Natureza. O que importa é precaver-nos contra a opinião daqueles que negam a regularidade dos fenômenos político-econômicos em função da liberdade humana – pois em se aceitando essa tese, negar-se-ia toda a Economia Política como ciência”. (1988:30)

² Nagels, economista marxista com importantes trabalhos sobre Marx e o marxismo – ver, por exemplo, (1974) – começa o prefácio a (Roland 1985), lembrando Sartre em *Questões de Método*: “longe de estar esgotado, o marxismo ainda é muito jovem, quase na infância, apenas começou a desenvolver-se”.

³ Este autor nunca refere Marx mas em seus escritos parece revelar algum seu conhecimento. A forma como faz a crítica às posições contrárias fá-lo subentender.

São discursos totalmente diferentes de dois autores que utilizam a sequência de exposição. Menger tem por objetivo estudar os fenómenos económicos em geral – aqui também designados de políticos, acréscimo que desaparece completamente da sua exposição seguinte – enquanto Marx está preocupado em explicar o capitalismo, esse específico modo de produção. Neste há historicidade, naquele há ahistoricidade. Neste há um estudo da sociedade através da consideração de um conjunto de conceitos e leis, naquele há um estudo de apenas alguns aspetos da sociedade. Por outras palavras enquanto Marx “estuda a sociedade”, Menger estuda a economia, inserindo-se pois na especialização dentro das ciências sociais.

Enquanto Menger fala de regularidades Marx falava de antagonismos sociais. Para aquele há comparação de igualdades, para este há conflito de diferenças; naquele ressaltam as semelhanças, neste as diferenças; naquele as categorias científicas estão nos fenómenos, são a expressão da repetição das semelhanças, neste as categorias estão nas relações sociais, são a expressão do confronto de contrários.

Há profundas diferenças entre os dois autores, mas ambos têm como referência as ciências da natureza (“leis naturais”, “leis iguais às leis da Natureza”), refletem uma conceção comum do que é ciência, uma visão comum de aspetos da metodologia, o que se concretiza na importação de alguma terminologia da Física.

Esta colagem à Física, enquanto referência, complica, por vezes, uma leitura metafenomenológica, os métodos utilizados na análise e na interpretação, abre o campo a problemáticas que, em grande medida, resultam de falsos problemas, como é o caso do “problema da perequação” ou da “queda tendencial da taxa de lucro”.

9. Em complemento desta ambiguidade refiramos alguns aspetos que revelam quão inacabada ainda é a teoria do valor, apesar do essencial estar construído e de ser já um instrumento indispensável na compreensão da sociedade e na ação pela sua transformação.

Todos sabemos que a diferença entre trabalho e força de trabalho⁴ é uma descoberta vital na rutura de Marx em relação a Adam Smith⁵ e Ricardo⁶, e um dos pilares da explicação marxista do capitalismo. Todos sabemos que durante muitos anos Marx teve a intuição de que eram duas categorias diferentes mas continuou a utilizar uma terminologia errada (muitas vezes corrigida postumamente por Engels) ou a não explorar até às últimas consequências essa diferença.

Para ilustrar esta ambiguidade apresentemos um exemplo. É corrente na literatura marxista afirmar que a quantificação do valor exige uma tripla redução: redução do trabalho concreto ao trabalho abstrato, redução do trabalho complexo ao trabalho simples e, finalmente, redução às condições médias de produção. Consideremos a segunda “redução”. Um livro que formou diversas gerações afirma: “Trabalho complexo cria numa unidade de tempo um valor de maior grandeza que o trabalho simples. O trabalho complexo representa uma multiplicação

⁴ Sobre o assunto ver (Pimenta 1979). Este artigo está disponível em <http://www.fep.up.pt/docentes/cpimenta/> [publicações] [Força de Trabalho e Trabalho].

⁵ Ver (Smith 1983, 1981).

⁶ Ver (Ricardo 1983).

do trabalho simples: uma hora do primeiro equivale a várias horas do segundo” (Academia de Ciências da URSS 1969:63). Este fala em multiplicação, outros falam em soma.

Na nossa opinião há aqui uma confusão entre os dois conceitos, associados a alguma penetração do conhecimento espontâneo. Com efeito podemos distinguir *forças de trabalho simples* e *forças de trabalho complexas*, a que correspondem quantidades de trabalho incorporadas na sua produção, e portanto *quantidades de valor da força de trabalho*, diferentes. A determinação de quais são as forças de trabalho simples e as complexas e, se quisermos, os diversos graus de complexidade, estabelece-se no próprio mercado da força de trabalho, através da sua mobilidade, da maior ou menor capacidade de um dado trabalhador se adequar ao posto de trabalho de outrem. A uma força de trabalho simples corresponderia a realização de um *trabalho simples*, assim como o consumo de uma força de trabalho complexa daria lugar a um *trabalho complexo*. O trabalho simples e os diversos trabalhos complexos distinguem-se pelas suas diferentes experiências, adequações a determinados objetos e instrumentos de trabalho, capacidades de conceber e realizar o ato a que vão proceder. Significa que falar em trabalho simples e complexo é falar de diferentes trabalhos concretos, sendo, portanto, irrelevante, para o valor produzido e a sua quantidade valor. Sem dúvida que o facto de o trabalho ser simples ou complexo tem implicações sobre a quantidade de trabalho cristalizada nas mercadorias produzidas, mas tal não é a expressão do grau de complexidade mas de estarem ligados a diferentes funções, a diferentes meios de produção, etc.

Logo, se as categorias de força de trabalho simples e complexo são relevantes para a quantificação do valor da força de trabalho e, portanto, para uma teoria do salário, as de trabalho simples e complexo são derivadas e irrelevantes para a quantidade de valor das mercadorias produzidas pelo consumo das referidas forças de trabalho. O trabalho cria valor, não transfere valor.

10. Um outro exemplo de aspetos que carecem de aprofundamento. As formas valor são expressões da evolução histórica de todas as sociedades em que houve produção e troca de mercadorias, consubstanciadas na existência de um equivalente, momento em que “o valor de uso torna-se a forma de manifestação do seu contrário, o valor” (Marx 1969:70). Utilizando uma linguagem vulgar, logo menos rigorosa e explicativa, as formas valor são a descrição da evolução histórica do mercado e da relação entre quantidade de valor e “preço”. O capitalismo é a última fase da forma valor, assumindo então a forma moeda. É nessa fase que toda a produção é para outrem, que todos os produtos são mercadorias, que há uma intensificação das trocas e que o equivalente geral assume a forma de moeda.

A forma valor dinheiro corresponde à fase da produção mercantil em que certas quantidades de valores de uso se trocam por iguais quantidades de valor, agora expressas em moeda. Só *nesta fase faz sentido dizer que o preço é a expressão monetária do valor*. Quando Marx analisa a forma valor simples di-lo claramente: “de imediato nos apercebemos da insuficiência da forma valor simples, esse gérmen que deverá sofrer uma série de metamorfoses antes de chegar à forma preço” (Marx 1969:75). Reafirma-o ao estudar a forma moeda: “A expressão do valor relativo simples de uma mercadoria (...) na mercadoria que já funciona como moeda, por exemplo o ouro, é a forma preço” (Marx 1969:83). Marx só apresenta uma definição do preço no início do terceiro capítulo do primeiro livro do capital, o dedicado à moeda: “A

expressão do valor de uma mercadoria em ouro: $x \text{ mercadoria A} = y \text{ mercadoria moeda}$, é a sua forma moeda ou o seu preço". (Marx 1969:105).

Do que foi dito resulta que só na fase mais desenvolvida da produção mercantil haveria o preço. Antes existiam trocas mas não havia preço. Poderíamos atenuar esta dificuldade considerando que antes da forma dinheiro havia preços relativos mas não havia preço absoluto. Só quando há autonomização do equivalente geral em relação ao seu valor de uso específico é que temos o preço absoluto.

É uma possibilidade, mas o que ressalta daqui é que as etapas da sociedade mercantil são mais instrumentos de explicação do capitalismo que uma observação de diferentes fases históricas da humanidade. É certo que o objetivo é explicar o capitalismo, o que é cumprido, mas para tal falta-lhe o rigor de uma análise que se pretende histórica. Esta questão levanta dificuldades a leituras históricas, antropológicas ou simbólicas da mercadoria.

11. Apenas mais um exemplo de alguns problemas na análise do valor que resultam de ambiguidades dos textos originais do marxismo.

Marx na crítica da economia vulgar critica frequentemente alguns conceitos utilizados. É natural que assim seja. Críticas que tanto podem estar associadas ao significado do conceito, à sua utilização ou ao contexto em que se insere. O conceito de oferta e procura é, por exemplo, um desses conceitos criticados. É óbvio que assim seja porque explicar o preço pelo encontro das imaginárias curvas ex ante da procura e da oferta é reduzir ao caricato a dinâmica global da sociedade, é ignorar a teoria do valor.

Acrescente-se que em muitas passagens dos seus textos mostra que "a oferta e a procura" influenciam o valor, particularmente a quantidade de valor, e é por essa forma que influencia o próprio preço (análises que podemos considerar mais estruturais), mas noutras passagens parece referir o que vários livros marxistas admitem: na passagem da produção para a troca das mercadorias há "um salto no desconhecido" no qual intervêm diversos factos que podem gerar hiatos entre a "quantidade de valor" e os "preços" a que aqueles dariam lugar. Assim, por exemplo, num parágrafo que trata da influência da oferta e da procura, e até aclara porque razão a economia vulgar considera a igualdade da oferta e da procura para explicar os preços, acrescenta "As mercadorias até podem ser vendidas a preços que se afastam dos seus valores, mas este afastamento surge como uma infração à lei da troca. Na sua forma normal, a troca das mercadorias é uma troca de equivalentes" (Marx 1969:162).

Considerar a oferta e a procura como fatores exógenos que influenciam os preços, mas não as quantidades de valor, é uma brecha que permite a entrada de leituras vulgares na teoria do valor.

12. Se as ambiguidades de Marx no tratamento, ainda incompleto, da teoria do valor são as que levantam mais dificuldades a uma leitura completa e atualizada do valor, não deixa de haver outras, lançadas por terceiros, que também colocam várias dificuldades.

Muitas vezes assume-se, mesmo por marxistas, que a teoria do valor é uma teoria explicativa dos preços e mais nada do que isso. Assumindo essa posição, se não se conseguir explicar essas "passagens" ficam em aberto feridas conceptuais. E porque no valor é possível – o que

não quer dizer que seja lógico – isolar a quantidade de valor, e o preço é medido em quantidade de moeda, seria de esperar que essa passagem dos valores aos preços fosse analisada enquanto relação de quantidades. Deste conjunto de imprecisões surgem problemas como o da “perequação da taxa de lucro” ou o da “transformação dos valores em preços de produção”.

São falsos problemas que, por vezes, ocupam mais tempo de labor intelectual que os verdadeiros problemas⁷.

13. Outros falsos problemas são os que resultam da contraposição de casos isolados, desinseridos, ou nunca inseridos, de qualquer contexto, que aparentemente negam a teoria de Marx. “Problemas” que apresentam um “aparente realismo” e que podem ser interiorizadas com o carimbo de verdadeiras na base da subjetividade, de uma hipotética introspeção. Um exemplo bem conhecido, que tem sido muitas vezes apresentado: “Se eu estivesse cheio de sede a caminhar no deserto e me aparecesse alguém a vender água eu daria todo o dinheiro que tivesse”. Se alguém tivesse a oportunidade de encontrar no meio do deserto um vendedor de água, provavelmente aconteceria o que é afirmado. Daqui deduzem uns contadores da fábula, que a análise subjetiva que cada um faz dos bens que lhe são apresentados é que determina o preço. E assim se ganham alguns pontos na contraposição entre teoria do valor-trabalho e a teoria do valor-utilidade.

O que deverá dizer um marxista a este tipo de argumentos? Deixo a cada um dos leitores fazerem o inventário dos possíveis contra-ataques. Provavelmente alguns dos argumentos de que se lembrarão são inteiramente válidos, mas o que me parece essencial mostrar é que essa situação hipotética é completamente explicada por Marx, pelo que mais do que argumento contra é uma afirmação da adequação da sua teoria à realidade. Com efeito estaríamos perante uma situação isolada da sociedade. Nessa situação não estamos numa forma geral do valor mas na sua forma simples, e nessa a troca realiza-se muito assente no valor de uso: “A mercadoria é valor de uso ou objeto de utilidade, e valor. Ela apresenta-se como é, coisa dupla, desde que o seu valor possui uma forma fenomenológica própria, distinta da sua forma natural, a de valor de troca; e ela não possui nunca esta forma se a consideramos isoladamente”. (Marx 1969:74). A constatação que devem tirar é que a teoria do valor marxista é mais ampla e é capaz de abarcar uma hegemonia do valor de uso sobre o valor de troca. O que não podemos é dessa forma explicar o capitalismo, ou qualquer outra sociedade com uma densa trama de relações sociais.

Estamos perante uma situação similar quando se colocam para análise situações verdadeiras mas não se utilizam as metodologias adequadas para a sua análise. Eis um problema verdadeiro: “Como pode o trabalho ser base do lucro, quando as empresas que têm mais lucros são as que têm mais capital constante e menos capital variável?”

É uma pergunta de resposta muito simples: o lucro é uma das formas assumidas pela mais-valia, mas cada uma delas situa-se em momentos diferentes da relação dialética entre produção, repartição do rendimento e troca. A mais-valia é uma categoria da criação de valor, via trabalho abstrato, e o lucro é uma categoria da apropriação do valor, via circulação do

⁷ O tratamento recente deste assunto dispensa-me de o analisar aqui: (Fonseca-Statter 2011)

capital. Há que estudar e compreender a relação entre a produção e a circulação, para utilizar a terminologia de Marx.

14. Para terminar esta longa demonstração de que a teoria do valor é um dos núcleos duros da explicação da sociedade capitalista, duas conclusões.

Primeira. Há muito trabalho epistemológico a realizar para aprofundar e atualizar a teoria do valor. Seria um erro grosseiro admitir-se que já está tudo dito, que o que foi dito está tudo certo e que podemos ficar pelas generalidades. Um conhecimento respeitador da lógica dialética não pode cair em tais armadilhas.

Segunda. São muitas as razões que podem levar alguém a fazer análises erradas sobre a teoria do valor. Tracemos alguns desses perfis: (1) faz-se uma análise marxista na sua área disciplinar mas nunca se pensou explicitamente na teoria do valor, nunca se aprofundou a ligação entre a sua área de especialidade e aquilo que consideram ser, quiçá erradamente, reduto da Economia Política⁸; (2) numa sociedade em que toda a formação individual assenta numa inculcação em todos nós de uma lógica bivalente e de aplicação do princípio da não-contradição, é muito difícil entrar numa leitura que exige a aplicação da dialética; deste confronto entre a lógica subjacente ao conhecimento espontâneo e a grande parte da aprendizagem científica e a dialética surgem inevitavelmente erros⁹; (3) as palavras também são símbolos e despertam de imediato emoções; por vezes mais do que divergências há a utilização de terminologias diferentes; há que percebê-lo e até aprender com essa diferença

Todas estas posições devem ser respeitadas e na luta científica e ideológica devemos ter consciência que são muitas as pontes entre essas posições e o estudo e aprofundamento da teoria do valor.

Completamente diferentes são os outros dois perfis das análises erradas: (4) falar-se de Marx sem nunca se ter estudado o essencial de Marx, mesmo sem nunca ter lido Marx e Engels; falar-se de Marx quando dele se sabe o que os outros dizem; (5) atacar as ideias de Marx porque de alguma forma tem de se combater o homem.

O que é importante na teoria do valor.

15. Neste ponto pretendemos chamar a atenção para aquilo que consideramos mais importante na teoria do valor, mais precisamente do que é decisivo quando lemos *O Capital* e, sobretudo o seu Livro Primeiro¹⁰. Há ensinamentos sobre a própria teoria do valor, sobre os

⁸ Muitas são as variantes possíveis que podem ir desde uma adjetivação moralista (a mais-valia é imoral) a formulações muito imprecisas como a de dizer que os trabalhadores “prestam um serviço” aos capitalistas.

⁹ Veja-se, por exemplo (Robinson 1977) ou (Cencini & Schmitt 1976). Esta é também frequentemente a grande dificuldade dos estudantes universitários. Muitas obras de divulgação do marxismo foram editadas exatamente para facilitar esta adaptação, mas os seus efeitos são altamente nefastos: esvaziam o complexo, eliminam o essencial da dialética.

¹⁰ Poderia fazer sentido aqui referir o “*Grundrisse*” e as *Teorias da Mais-valia*, mas a leituras destas obras só faz sentido quando se pretende aprofundar um determinado assunto específico. É certo que o segundo trabalho é considerado o quarto livro do capital, mas isso não invalida, na nossa opinião, o que

conceitos que se revelam no seu desdobramento do abstrato para o concreto, mas também há lógicas de abordagem do problema, princípios epistemológicos aplicados que se revelam.

Por outras palavras, se pretendermos aprofundar a Teoria do Valor e proceder à sua reconstrução quais são os aspetos que nunca poderemos esquecer, seja do ponto de vista metodológico, seja do modelo explicativo, seja ainda dos conceitos a utilizar?

Se a resposta a esta questão fosse adequadamente desenvolvida entraríamos na insana tarefa de apresentar aqui a teoria do valor. Por isso não ultrapassaremos alguns tópicos muito sumários.

16. O primeiro aspeto a salientar é a forma assumida pelo corte epistemológico realizado por Marx. Ultrapassar o conhecimento espontâneo é ultrapassar as limitações biológicas, psicológicas e sociais do conhecimento, é construir instrumentos de observação, é estruturar metodologias de análise, é saber passar da descrição para a interpretação, é construir um objeto científico que tenha em conta a realidade em si, é fazer com que aquele reflita a realidade em si, é promover, de uma forma adequada, uma dinâmica do concreto ao abstrato e deste a aquele.

Para Marx o corte epistemológico faz-se pela leitura científica e filosófica dos autores que o antecederam (com destaque para Hegel e Ricardo), pela ação política, manifestação da consciência de que a função do conhecimento crítico é conhecer e transformar o mundo. É passar do contingente e efémero para o essencial e duradouro, é entender os fenómenos, e subordinar a sua descrição, a partir de um estudo atento da realidade metafenomenológica que lhe revela as relações de causalidade. Os seus dois grandes instrumentos de construção científica foram o materialismo dialético e a conceção materialista da história. *O Capital* é a aplicação destes dois instrumentos conceptuais ao modo de produção capitalista. E esta não nos diz concretamente como a sociedade humana é em geral, mas como é preciso considerá-la para estudar concretamente o que ela é.

Pelo que dissemos no início desta comunicação e pelo que agora expressamos parece-nos inadequado dizer que *O Capital* é uma obra de Economia. É um tratado científico das sociedades humanas assente na análise específica do modo de produção capitalista. A mercadoria é a realidade metafenomenológica mais geral que permite explicar estruturalmente a dinâmica da sociedade capitalista, assim como outras permitirão desempenhar a mesma função na explicação de outros modos de produção.

17. A obra de Marx, como a de outros grandes construtores de ciência, pela sua vastidão, articulação interna e abordagem não devem ser disciplinarizadas, isto é, etiquetadas com rótulos que só mais tarde apareceram. Isso não impede, antes pelo contrário, que sobre a sua obra se construísse uma Economia Marxista.

afirmamos. Só num caso ou noutro assume grande relevância. É, por exemplo, o significado de um importante conceito para a teoria do valor e que só é afluído em *O Capital*. Estamos a referir-nos à noção de produção, mais precisamente de trabalho produtivo e improdutivo, abordado em *Teorias da Mais-valia* (Marx 1974:161-349). Sobre este assunto ver também (Marx 1975)

Desse ponto de vista disciplinar tem traços diferenciadores de outras correntes dessa mesma disciplina. Contudo alguns são partilhados por outros autores (ex. a preocupação epistemológica de que o objeto científico reflita a realidade em si, a referência da produção, circulação distribuição e consumo como a realidade a explicar, a assunção de que o homem é um ser social e só nessa dimensão é possível estudar a dinâmica da sociedade e do próprio homem). Apenas um lhe é específico: a utilização plena da dialética materialista. Por isso hoje é indispensável a utilização da Lógica Paraconsistente nas abordagens da teoria do valor¹¹.

18. Uma outra questão metodológica presente em *O Capital*, que aliás faz com que a *mercadoria* seja a primeiro conceito apresentado, é a combinação da *sequência (método) de investigação*, com a *sequência (método) de exposição*. Marx no postefácio à segunda edição alemã afirma que “o processo de exposição deve distinguir-se *formalmente* do processo de investigação” (Marx 1969:29), mas acrescenta a interligação entre ambos. Primeiro descobrem-se os fenómenos, constroem-se os conceitos, formulam-se as leis, determinam-se as causas. Depois apresenta-se o que se descobriu, se passa das causas para os efeitos, do mais geral para o mais particular. Na primeira fase descobre-se a realidade metafenomenológica através dos fenómenos (realidade fenomenológica) para na seguinte se apresentar a explicação essencial dos fenómenos revelada pelos conceitos metafenomenológico. A sequência de exposição confirma ou nega a validade da investigação realizada.

Estamos longe de uma metodologia generalizadamente adotada, também o tento sido por Ricardo, o principal suporte de Marx na análise da produção, distribuição e circulação. É uma metodologia que tem vantagens imensas mas que tem dificuldades de comunicação e transmissão do conhecimento a outrem. Dificuldades que têm de ser tomadas em conta se se pretender ter uma atitude pedagógica, de ensinamento¹². Aliás Marx tem perfeita consciência da situação quando mais adiante acrescenta “poderá parecer que se está perante uma construção *a priori*” (Marx & Engels 1983:102).

Explicuemo-nos. Uma das características do conhecimento científico é ser reproduzível. Tendencial e idealmente qualquer cientista partindo do mesmo conjunto de hipóteses, perante os mesmos factos e utilizando os mesmos procedimentos poderá chegar às mesmas conclusões. A descoberta é perceptível ao acompanharmos a revelação do novo. O caminho é incomparavelmente mais longo, arriscamo-nos a perdermo-nos no que é fortuito e acidental, mas quando o essencial é apresentado percebe-se bem o caminho percorrido. O mesmo não acontece com a sequência de exposição. Para quem nunca tenha pensado no assunto parece que os conceitos surgiram do nada, que a sequência é resultado de uma subjetividade.

Tenhamos isso em atenção na luta científica e na divulgação dos saberes.

¹¹ Sobre o assunto ver Newton da Costa (1993, 1997). Fizemos uma abordagem introdutória ao assunto: (2002).

¹² Este parece-nos ser um dos grandes males das chamadas obras de divulgação de *O Capital*. Continuarem a utilizar o método de exposição e implicitamente apresentarem-no como investigação. Uma obra de divulgação não deve apresentar a teoria do valor mas conduzir a ela. Veja-se uma obra extremamente interessante desse ponto de vista: (Fonseca-Statler 2011).

19. O conhecimento metafenomenológico do capitalismo e a utilização dos dois métodos acima referidos permitem-nos explicar a sociedade e, simultaneamente a interpretação espontânea, incompleta ou errada dessa mesma sociedade. A natureza essencial da mercadoria (logo do capitalismo) permite desmontar o fetichismo da mercadoria (logo as explicações vulgares do capitalismo).

Este duplo conhecimento pode ser eficientemente utilizando no lançamento de pontes com investigadores que partilhem outros paradigmas.

20. Da focagem da teoria do valor como modelo, isto é, enquanto sistema articulado de conceitos, relações entre conceitos e formulação de leis há a destacar que (a) os conceitos, as variáveis, são relações sociais; (b) a dialética é inerente a qualquer análise; (c) há variabilidade histórica da forma assumida pelas categorias.

21. “A (categoria social) é A também porque não é A”. As *categorias* são analisadas nos aspetos qualitativos e quantitativos. Considera-se privilegiadamente as *relações*, que dão conteúdo às coisas presentes nessas relações. Relações que, por sua vez, estão em relação com outras relações, partes constituintes de um processo *total*.

As relações são simultaneamente complementares e contraditórias e essa tensão é geradora de dinâmicas. O todo é mais do que a soma das partes e a parte contem o todo. A mudança é permanente e da sua análise resulta a explicitação de leis que contêm tendências e contratendências. Por isso mesmo, em muitas situações não podemos utilizar uma lógica bivalente, mas sim plurivalente.

Em cada categoria económica há que considerar a sua essência, que é a relação social que exprime, componente primeira, mas também é a *forma-relação* que assume numa determinada sociedade localizada no tempo (histórico) e no espaço (geográfico-social) e a *forma-coisa*. E se o qualitativo é o que mais se deve ter em conta na relação nem por isso esta está isenta da dimensão quantitativa, podendo-se dizer o mesmo para as formas referidas.

Assim, por exemplo, a mercadoria é uma relação social de produção (entendida como estrutura de relações sociais que se estabelecem entre os homens no processo da sua atividade produtiva material) que, centrando-se na relação dependência-independência dos produtores, se localiza na articulação da produção/troca.

Assim, por exemplo, a moeda no fim do século XIX ou no século XXI é sempre uma relação social que se expressa no processo de troca, quer enquanto sua possibilidade (função: medida do valor), quer enquanto sua rutura (função: entesouramento), mas as formas que assume e as articulações entre elas são bastante diferentes. A relação social moeda, que envolve várias coisas também designadas por moeda (moeda bancária, nacional, supranacional, internacional, entre outras) assume formas diferentes nas duas épocas. Formas da relação que se manifestam, por exemplo, nos processos de reprodução do equivalente geral, e também nas coisas que intermedeiam essas relações.

22. Há algumas perguntas a que precisamos de dar uma resposta rigorosa, detalhada e completa se quisermos ter o arrojo de estudar e desenvolver uma teoria do valor. Algumas já foram antes referidas, mas não será de mais recordar: o que é ser mercadoria? quais as

relações entre trabalho e força de trabalho? o que é trabalho produtivo? qual o percurso do valor ao preço? como se articulam a circulação mercadoria (M-D-M) e a circulação do capital (D-M-D')? qual a natureza, funções e forma da moeda enquanto equivalente geral?

23. Porque a teoria do valor tem capacidade explicativa também é um instrumento de previsão e ação da dinâmica da sociedade. Um modelo pode ser de previsão sem ser de explicação, mas não é esse o caso em relação ao modelo marxista. Aqui a ordem inverte-se: é porque explica que prevê.

Foi utilizando os conceitos de trabalho produtivo que em 2004 afirmava que a mundialização assente na financiarização não era sustentável a longo prazo e que se desenhavam três evoluções possíveis da situação internacional, admitindo que a primeira era a explosão de uma crise:

“estruturais contradição entre a importância relativa da financiarização no conjunto das atividades económicas e o papel fundamental das atividades produtivas no crescimento e desenvolvimento económico pode conduzir a ruturas, ao esgotamento deste modo de regulação capitalista. (...) As possibilidades de crise económico-social são estruturalmente elevadas. Conjunturalmente poderá ou não sê-lo. Não tem data marcada de manifestação e sobretudo não acontecerá com processo de rutura sem o querer e a vontade dos homens. A sua inevitabilidade é potencial. Contudo está sempre latente” (Pimenta 2004:257/9)

Nem sempre é possível fazer previsões, mas em muitas situações é. Armado de uma análise marxista era fácil cientificamente – difícil socialmente, pois a opinião pública regozijava-se com a maravilha do capitalismo mundializado, de livre circulação e de expansão máxima dos mercados bolsistas – chegar às conclusões a que então cheguei.

Era fácil de prever que a deslocalização da indústria para a periferia enfraqueceria inevitavelmente o capitalismo dos países do centro. Era uma certeza que a convergência nominal teria só por si reduzidíssimas probabilidades de conduzir à convergência real, enquanto que esta teria fortes probabilidades de conduzir a aquela, tendo a CEE optado pelo caminho que interessava ao capital financeiro, com vantagens imediatas para este mas não conducente a resultados sólidos. Era fácil afirmar que a criação da moeda europeia não alterou a natureza da moeda mas modificou a sua forma, refletindo a correlação de forças sociais e políticas a nível europeu.

Muitas são as previsões possíveis de fazer hoje, mas elas não surgem por inspiração divina nem são inevitabilidades realizáveis num horizonte intemporal. Por isso não abrimos aqui o “oráculo”. Por outras palavras, o marxismo permite previsões futuras da dinâmica social mas há alguns aspetos a que se deve atender:

1. A previsão sobre X será possível de retirar de um estudo científico rigoroso, global e articulado em que as determinantes de X estejam presentes e permitam, numa leitura integrada da dinâmica social, explicitar quais são as tendências e contratendências de evolução. A realidade social é complexa e variações infinitesimais em algumas

variáveis, que podem ser comportamentos humanos, podem conduzir a evoluções totalmente distintas.

2. Do afirmado agora podemos concluir que as previsões científicas não podem resultar de um amontoado de indícios, mesmo que eles façam sentido, de um conjunto de afirmações demasiado abstratas ou da metamorfose em princípios éticos. Esta advertência seria inteiramente desnecessária se não assistíssemos frequentemente a práticas pseudocientíficas envolvendo estes procedimentos.
3. A previsão só faz sentido se for de algo localizado num espaço geográfico-social e num tempo histórico preciso. Dizer, por exemplo, que “acontecerá uma crise estrutural do capitalismo” pode ser uma previsão que gerações futuras, imediatas ou longínquas, comprovem mas é uma afirmação ahistórica, sem localização no tempo, sem referência a possíveis processos e formas de manifestação. Aliás, aproveitando este exemplo, diria que há duas palavras muito utilizadas pelos marxistas que exigem particulares cuidados para não as inserirmos no conhecimento espontâneo, dando a este uma aparência de cientificidade. São os casos de “crise” e “contradição”.

A teoria do valor e o combate científico

24. Os temas e os conceitos da teoria do valor são hoje essencialmente utilizados pela Economia¹³. É um resultado da especialização nas ciências sociais e da sua correspondente institucionalização, sem que isso invalide o que anteriormente afirmamos sobre a imprescindibilidade da sua compreensão rigorosa por qualquer cientista social ou político.

Por isso é no campo da Economia que se forja o debate científico sobre estas problemáticas, o confronto de ideias visando ora uma aproximação ora uma demonstração da falsidade dos modelos alternativos.

É neste contexto que afirmamos inequivocamente que apesar da teoria do valor ser o cerne da Economia, apesar de ser demonstrável que a teoria do valor-trabalho é mais completa que a teoria do valor-utilidade e que aquela comporta diversas vantagens epistemológicas e pragmáticas, a teoria do valor não deve ser o epicentro da crítica da Economia Política.

A teoria do valor tem sido frequentemente, ao longo da história, esse epicentro. Veja-se, por exemplo, *História das Doutrinas Económicas* (Academia das Ciências Sociais da URSS 1967) ou alguns trabalhos de Armando Castro especificamente sobre Economia. Eu próprio enveredei por esse debate, nomeadamente enquanto professor. Não dizemos que esse debate, essa crítica da Economia Política é desnecessária. Dizemos que é pouco eficaz, porque é um diálogo de surdos. O epicentro deve ser na desmontagem do que conduz a essa surdez epistemológica (já que à surdez psicológica pouco há a fazer).

¹³ Porque frequentemente há conotações diferentes, racionais e afetivas, quando se utiliza uma das diversas designações desta ciência, alertamos desde já que utilizamos indiferentemente “Economia”, “Ciência Económica” ou “Economia Política”. Qualquer uma destas designações tem as suas vantagens e desvantagens e todas foram utilizadas por economistas de correntes do pensamento económico bastante diferentes. No caso da designação Economia, como o fizemos, é preciso destringir perfeitamente “Economia”, ciência, de “economia” seu objeto de estudo.

Esse epicentro deve ser o significado da coexistência de três paradigmas totalmente diferentes na Economia¹⁴.

Com efeito, o objeto científico, como de qualquer outra ciência social, não é a realidade em si mas uma certa realidade para si tendo em conta aquela, a dinâmica interna da respectiva ciência e a sua institucionalização (a qual reflete a correlação de forças sociais existentes).

25. Se analisarmos a história da Ciência Económica e a forma como atualmente é trabalhada, podemos encontrar diversos entendimentos do que é Economia. Se num esforço de síntese agruparmos essas leituras alternativas podemos dizer que temos três paradigmas alternativos da Economia:

1. No paradigma um a Economia é a ciência que estuda a produção, a repartição dos rendimentos e a troca.
2. No paradigma dois a Economia é a ciência da gestão dos recursos escassos com utilizações alternativas.
3. No paradigma três a Economia é a ciência da gestão ótima dos recursos escassos.

São três leituras totalmente distintas, em que houve equívocos da parte de muitos economistas. Durante muitos anos quando se afirmava que a Economia é a ciência da escassez, quando o paradigma dois assumia foros de dominação institucional, era um entendimento corrente que o paradigma um também continuava a vigorar. Admitia-se que era a gestão dos recursos escassos nos processos de produção, repartição e troca. A lógica de abordagem já era diferente (era um lógica de gestão, não de revelação da realidade em si) mas parecia que o terreno estava razoavelmente delimitado. Contudo a aplicação da gestão da escassez a realidades sociais totalmente diferentes da produção, repartição e troca, veio forçar a clivagem com o paradigma anterior. A dimensão gestionária assumiu maior relevância, o positivismo de fachada foi dando lugar à normatividade das análises, abrindo-se caminho ao paradigma três, que tanto pode aparecer de forma explícita como de forma velada, sob a capa de positividade associado a um conjunto de corolários, também eles explícitos ou não.

É no debate do que é Economia, do que é uma postura científica, que se deve centrar o confronto de posições. Se ignoramos estas divisões, os argumentos mais poderosos da parte de um paradigma podem deixar totalmente indiferentes os cultores de outro.

A Economia Política cujos fundamentos foram lançados por Marx e Engels é uma das posições mais coerentes do paradigma um, a que se juntam várias outras correntes atualmente heterodoxas, com que se pode estabelecer várias interligações.

Nota final

26. Era nossa intenção inicial mostrar que apesar da importância da teoria do valor e da sua utilização na prática pedagógica aquela carece de uma tratamento que nada tem a ver com a

¹⁴ O que apresentamos neste ponto é a antecipação a um livro que tencionamos publicar no início do próximo ano, cuja versão pré-definitiva está integralmente redigida.

institucionalização da fragmentação da Economia atualmente existente, entre Microeconomia e Macroeconomia.

Contudo a dimensão da presente comunicação e a vantagem de terminar com uma posição que não é trivial, aconselham-nos a terminar aqui, reservando o muito que ainda haveria a dizer para futuras análises.

Porto, 2 de Junho de 2012

Bibliografia citada

- Academia das Ciências Sociais da URSS. 1967. *História das Doutrinas Econômicas*. Traduzido por R. Guimarães. Rio de Janeiro: Zahar.
- Academia de Ciências da URSS. 1969. *Manual de Economia Política*. México: Grijalbo.
- Cencini, Alvaro, & Bernard Schmitt. 1976. *La Pensée de Karl Marx. Critique et Synthèse. Valeur*. Albeuve: Castella.
- Costa, Newton C. A. 1993. *Sistemas Formais Inconsistentes*. Curitiba: UFPR. Edição original, 1963.
- . 1997. *Logiques Classiques et non Classiques*. Traduzido por J.-Y. Béziau. Paris: Masson.
- Fonseca-Stattegger, Guilherme da. 2011. *O Preço das Coisas. Conversas à volta de um café...* Lisboa: Página a Página.
- . 2011. Para uma abordagem do problema da transformação do valor em preços. *Vértice - nova série* (161):65.
- Marx, & Engels. 1983. *Obras Escolhidas (II)*. Traduzido por J. B.-M. e outros. Lisboa: Editorial Avante.
- Marx, Karl. 1969. *Le Capital - I*. Traduzido por J. Roy. Paris: Editions Sociales.
- . 1974. *Théories sur la Plus-Value (I)*. Traduzido por G. Badia. Paris: Editions Sociales.
- . 1975. *Capítulo Inédito d'O Capital. Resultados do Processo de Produção Imediato*. Traduzido por M. A. Ribeiro. Lisboa: Publicações Escorpião.
- Menger, Carl. 1988. *Princípios de Economia Política*. Traduzido por L. J. Barauna. 3 ed. São Paulo: Nova Cultura.
- Nagels, Jacques. 1974. *Travail Collectif et travail Productif dans l'Évolution de la Pensée Marxiste*. Bruxelas: Editions de l'Université de Bruxelles.
- Pimenta, Carlos. 1979. Economia do Trabalho. Força de Trabalho e Trabalho. *Revista Técnica do Trabalho* (2):113/58.
- . 2002. Apontamentos sobre Economia e Lógica. *Boletim de Ciências Económicas* (Vol XLV-A):243/64.
- . 2004. *Globalização: Produção, Capital Fictício e Redistribuição, Ideias - Economia*. Lisboa: Campo da Comunicação.
- Ricardo, David. 1983. *Princípios de Economia Política e de Tributação*. Traduzido por M. A. Ferreira. 3 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Robinson, Joan. 1977. *Um Estudo de Economia Marxiana*. Lisboa: Dinalivro.
- Roland, Gérard. 1985. *La Valeur d'Usage chez Karl Marx*. Bruxelas: Editions de l'Université de Bruxelles.
- Sève, Lucien. 1980. *Une Introduction a la Philosophie Marxiste - suivie d'un vocabulaire philosophique*. 2 ed. 1 vols. Paris: Editions Sociales. Edição original, 1980.
- Smith, Adam. 1981. *Riqueza das Nações - Vol I*. Traduzido por T. Cardoso. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- . 1983. *Riqueza das Nações - Vol II*. Traduzido por L. C. Aguiar. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.